



O Galato

Avenida



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V—N.º 114
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor — Padre Américo
10 de Julho de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

NOTÍCIAS DO TOJAL



NÃO é agora, mas era. Era um abandonado! Hoje, é o Príncipe do Tojal. Estive ali a semana passada, e os rapazes declaram com muita ufania: *nós também cá temos um mais bonito do que o de Paço de Sousa!*

Veio de Bucelas, como aqui já foi dito, mas o que ainda se não disse é que, alguém d'aquela vila, que tinha os olhos no pequenino enquanto andava por lá, agora, que o sabe agasalhado, não se farta de nos mandar mimos de cozinha e de dispensa. Tudo se dá aos que se dão!

Estavam todos a merendar, quando ali cheguei. Eles são apenas uns trinta, por agora. *Olhe que bom. Prove. Já ontem assim foi.* Este foi o convite d'um dos mais pequeninos. Tinha na mão uma fatia de pão e com a outra, segurava uma d'aquelas latas de folha que nos costumam oferecer, das quais fazemos canecas. Era a merenda. A preciosa merenda: *Olhe que bom!*

Que cuidam os senhores que era? Chocolate? Creme? Leite? Compota? Nada disso. Era água com uma lágrima de vinho e uma pinta de açúcar. Os trinta felizes, sentados aonde e como calhava, cada um com sua caneca, saboreavam: *Prove.* Eu provei e dei logo fé de tudo quanto se me apresentava à frente.

Li tudo na alma d'eles. Não é nada fácil, mas há quem saiba ler aonde não há letras. Ora a mágoa da governante do Tojal, por não ter merenda melhor, é que produzia a boa disposição em cada um d'eles: *Já ontem assim foi.*

Eu sei que nas casas da gente da aldeia, aonde o pão nem sempre chega, por muitos filhos—, as Mães botam mais fermento, para êle ficar azêdo!

Também eles, ao comê-lo, dirão à mãe;— *Prove; olhe que bom.* A angustia das mães tira o travôr. A injustiça é que revolta. Quando verdadeiramente se ama, tudo serve êsse amor.

* * *

Agora uma coisa que a gente muito precisa, uma vez que no fim de Junho tomamos a quinta ao caseiro, é dinheiro para gado e alfaias. Coisa séria. Uns bois de trabalho, uma vaca leiteira, arado, grade, jugo — um rôr de contos.

Ora o Padre Adriano tem dito tão bem dos Lisboetas, que me colocaria em sérias dificuldades, se eu, por ventura, tivesse agora de dizer mal! São cinquenta contos. Vamos a ver.

De como tem sido a venda do FAMOSO

Nem sempre se fala aqui nela, sinal de que tudo vai bem. Falta de notícias, são boas notícias. Mas êste número vai falar.

Eu cheguei ao Porto, naquela segunda-feira. Ontem, tinham ido a Braga três do costume. Um d'eles era o Prata da Camisolândia.

Parco em palavras, como sempre é, o rapaz, apenas me vê, toma-me pelo braço e começa a passear no corredor da casa. *Ontem é que foi!* Era a hora de jantar. Outros rapazes vinham chegando dos seus empregos, dirigindo-se a mim, a maneira que chegavam. Prata não via ninguém, nem deixava que o interrompessem. *Eram uns senhores do Porto. Uma família do Porto.* Os olhos reluziam na sua têz morena. A alegria podia-se cortar à faca. Fiquei a saber de como os senhores se tinham dirigido no seu carro ao nosso Lar, domingo de manhãzinha, para os conduzir a Braga. De como se dirigiram a S. Bento, a vêr se ainda os apanhavam, quando souberam que já tinham saído. De como perseguiram as camionetes de Braga, na estrada de Braga, talvez não tivessem ido de combóio. O rapaz conta-me tudo isto por palavras suas, cheias de graça e de vida. Eloquência tantos anos perdida e hoje encontrada pelo carinho de *uns senhores do Porto!* Mais soube que os senhores exultaram ao topá-los em Braga, na venda.

— Quem vendia?

— Era o Adriano, o Fernando e eu.

E os senhores do Porto esperaram que êles vendessem e deram-lhes de almoçar.

Também fomos a Santo Tirso, continua o Prata.

V. nunca foi lá? Ao inteirar-se de que eu já lá tinha ido, sai-lhe do peito um suspiro fundo e alegre: *teríamos pena se assim não fôsse. Lá é tão lindo!* Talvez o Prata, nas suas digressões d'outrora, tivesse passado por mais formosas pai-

UM PEDIDO

Ele há palavras que vão com os ventos; quâsi todas assim são. Não as do famoso. As do famoso ficam. São semente. Tí-nhamos pedido no ultimo numero um cantinho à beira mar, para um dos nossos rapazes, escrofuloso.

Veio Espinho. Veio a Figueira. Veio outra vez Espinho. Veio Leça. Veio o Estoril. Veio a Foz. Cada carta é um desejo. Ao vê-las, parece-nos que os senhores é que precisam da companhia do rapaz! E' a fome. A fome do bem. Felizes os que sentem êste apetite. Mais felizes os que fazem d'êle uma volúpia.

Aceitou-se Leça da Palmeira. São quinze dias de sol que o nosso doente jamais esquecerá, além do bem para a sua saúde. E' um professor que o recebe. Um professor de instrução primária, que se propõe repartir do pão dos seus filhos, por êste que foi de terras de ninguém.

Deus lhe acrescente a vida.

sagens, — talvez. Ele é da Serra da Estrêla. Mas faltava-lhe o melhor. Não tinha quem o amasse! Nem êle, nem os seus dois companheiros; um de Tomar e outro de Coimbra, — a dos encantos!

E' lá tão lindo! Pois é. O almoço. O automóvel. Uns senhores apaixonados pela poeira que se ergueu!

A vida total está nisto. O prazer rial é isto. A finalidade de todo o homem que vem ao mundo, é esta: Dar-se. Vinte mil almas hão-de chorar hoje de alegria, ao tomarem conhecimento d'este episódio da venda do jornal; e tudo nasce da acção daquela Família (*foi uns senhores do Porto*) que quiz dar-se. São assim as alegrias profundas do Evangelho. Cálices a esbordar. Vinte mil almas bebem do que sobrou da festa, e ficam a chorar por mais.

A família de quem se trata, é conhecida entre os rapazes pela *senhora do Amandio*. Foi assim que o Prata disse, ao começar o relato: *a senhora do Amandio*. Tem graça que o Amandio já vive por si, fóra da nossa casa. Mas isso não importa. Ele tem o selo da obra, e esta família também. Eu quero que todos façam assim. Amar a obra pela obra, e nunca por outra qualquer consideração.

Nota da quinzena

Nós trouxemos uma data de reclusos das cadeias de Lisboa, a trabalhar na condução de águas para a Casa de Tojal, como aqui foi dito, então. Não há palavras que louvem adequadamente a lei portuguesa que põe reclusos a trabalhar. Dantes não era assim.

Um deles, teve alta, enquanto andava nos nossos trabalhos. Recebeu a notícia, e enquanto dobrava o papel da carta ia dizendo baixinho, a falar consigo mesmo: *Daqui a pouco cá estou outra vez.* Quis saber a causa de tamanho desalento e soube. Ele o disse: *Não tenho casa.*

Pode ser que esta afirmação não corresponda à verdade. Nós não devemos acreditar nos que desde pequeninos aprenderam a mentir. Pode muito bem ser que aquêle recluso tenha casa e tenha família. Sim. Pode acontecer. Mas fica sempre a dúvida no nosso espirito. Dúvida angustiosa, porquanto há muitos que são arrastados ao pelouro e de novo lá voltam, por não terem aonde morar.

Ora eu trago aqui hoje êste preambulo, como documento. Feita e habitada a nossa aldeia, aonde vamos nós alojar os rapazes que, casados, ficarem a servi-la? Casas. Casas portuguesas. Um bairro para eles. E' disso, justamente, que se vai agora tratar. Os trabalhos desta natureza, exigem que se vá até ao fim. Pode ir amanhã um dos nossos sentar-se no banco dos réus. Eu também lá posso ir. Pois se for, que aceite, que chore, que cumpra. Mas que não possa dizer aos juizes, com verdade — *eu não tenho casa.*

Já demos os primeiros passos neste sentido. Dos primeiros, iremos aos segundos e assim até final. A Verdade tem muita força e dá muita força.

Do que nós necessitamos

A bicicleta ainda não veio! Não sei que diga. Não é por mim, eu não sei andar nela. E' pelos administradores do famoso, que estão a desanimar. E mal vai, quando os novos desanimam! Ora vamos lá meus senhores. Meus algodão nos ouvidos.

Mais no Depósito uma data de pacotes. Sim senhor; mande as flores. O mesmo se diz dos tapetes. Como são quatro no escritório, para cada um, seu. E muito obrigado por tudo o mais que disse e mandou.

Tornou cá a do feixe da lenha. Disse-me que tinha estado doente. Não era preciso. A cara o dizia.

A cara e ela. Ela também o disse, numa síntese maravilhosa, enquanto levava as mãos à cinta: *o que é ruim, não posso. O que é bom, não posso!* Eis o mal. Mal social. Desgraça nossa. Mais nossa do que dela. Se fosse dado a esta mulher honrada ir à presença do «grande» com aquele formidável discurso, havia de botar abaixo todos os mais discursos.

Trazia uma saqueta debaixo do braço. O nosso moço estava a moer... Não é preciso dizer mais nada. Nós temos obrigação de dar. Distribuir. Dar sem medida. Amontoar... no Céu. Ele é tão fácil e tão doce ser-se rico das verdadeiras riquezas, e tão amargo, das falsas! A aflição de as possuir; a grande aflição de as deixar. Tudo são aflições do espírito. Mais uma escova de dentes da Covilhã, por encomenda postal, e 3 dúzias delas de Lisboa, também pelo correio. Mais a contribuição mensal de mil escudos, dos Empregados da Socony Vacuum de Lisboa, mais 40\$00 de Oliveira de Azeméis. Mais o Menino Francisco David oferece dois pneus usados e pergunta pelo Zé Eduardo. Um muito obrigado ao Menino Francisco pelas duas ofertas: uma de borraquia e outra de simpatia. Os visitantes, mereciam aqui uma coluna especial, e se a não damos, é que o famoso não chega. O mês de Maio, foi o melhor do ano: catorze contos em notas e moedas, mais um mundo de coisas, mais o desejo de uma próxima visita e aqui é se encontra o valor do visitante mai-lo mérito da coisa visitada. Não obstante as notórias deficiências dos cicerones, os quais são mui difíceis de apanhar no seu posto, em virtude do campo da bola, com jogoa renhidos, justamente na hora de mais afluência de carros e senhorea. Temos cassado o distintivo de cicerone a uns para dar a outros. Temos feito tudo, porém, a bola, faz muito mais. O que eu peço ós senhores é que não desanimem e continuem a vir. Nós temos urgente necessidade das vossas visitas...

E agora, por visitantes; aquele senhor que deixou ficar aqui uma pasta de coiro preto, com restos de comida lá dentro, pode vir ou mandar por ela. Tem dentro uma faca e um garfo e um guardanapo. O que havia de comer, comeu o Bucha. Mais o muito que a gente deve ao Mé-

dico de Bucelas e aos de Lisboa e aos de Coimbra e aos de Miranda; e aos do Porto, isso nem é bom falar. Mais outro muito que a gente deve ao Instituto Britânico e Casa Alvarez, ambos de Lisboa, por amor dos quais temos aqui na aldeia sessões de cinema. São horas! Mais alfuiaa agrícolas de um Assinante amigo, com fábrica delas em Vale Prazeres, Beira-Baixa. Não há distâncias quando há devoção! Um sementeiro e um sachador. Mais! Do Brasil, uma data de livros de leitura; por onde a gente anda!

Mais do Porto, uma data de roupinhas para o Príncipe. Não fui eu que fui buscar; ele é que veio cá ter, por isso sofre-se melhor os trabalhos que nos causa. E' a desordem. A tremenda desordem, que começa de manhã e acaba à noite. Agora mesmo chega do correio o Alfredo, com um grande maço de cartas e o Príncipe às cavaleiras! Chegou ao meu escritório, entregou, esperou que eu abrisse uma por uma, respondeu a todas as minhas perguntas, e lá se foi para a redacção do famoso, com as cartas debaixo do braço e o Príncipe às cavaleiras, semear a desordem entre os seus colegas da redacção, e provocar as queixas de todos os dias: *que é do meu jornal?*

Ainda bem que o não fui buscar. Os trabalhos que vêm aonde a nós, são mais fáceis de suportar. Os que nós procuramos — são trabalhos!

Mais literatura do Brasil. Mais um cheque de mil escudos da capital, em sinal de regosijo por uma boa e justa e merecida notícia. Mais outra vez o Dr. Zéquinha com 50 mil reis. Já perguntei ó Julio a ver se ele descobriu se este é o Dr. Zéquinha ou se quem, mas ele também não sabe. Tenho feito identica pergunta aos mais rapazes, com identica resposta. Não sabem. E' um senhor e pronto. O papel diz *Do Dr. Zéquinha e é tudo*, além da nota do Banco.

Também já é vontadinha de arrelhar! Mais alguém que não é rico nem católico entregou esta nota ao meu filho para si. Era uma nota de mil escudos. Mais roupas. Mais livros.

Mais pacotes no Depósito. Mais 400\$ de algures. Mais 100\$ de uma pessoa, para o Linhas, a ver se ele enche os ossos. O Linhas está melhor, na verdade. Mais apetite. Melhor cor. Mais várias notas dentro de vários envelopes, de várias terras. Mais a notícia de que não são somente os empregados de Lisboa, mas sim também os de Avanca e Porto, da Sociedade de Produtos Lacteos, a concorrer mensalmente para a Casa do Gaiato.

Maia aquele tesouro de uma leitora, a qual informa ter-se dado cumprimento conforme o seu desejo. E maia nada.

P. S. — Acaba agora mesmo de chegar uma bicicleta! Nova. Em folha. Que bom!



A hora do recreio...

Notícias da Casa de Miranda

por José Pinho de Carvalho

- 1 As nossas obras já vão um pouco mais adiantadas. Agora já cá andam estucadores e mais dois pedreiros, mas o que falta é dinheiro para lhes pagar ao fim da semana. Também andamos com obras na Senhora da Piedade para quando vierem as colónias, que vêm no dia quatro do corrente. Vão tendo de ano para ano as casas melhores e mais bem compostas; agora já têm água, uma piscina e mais algumas coisas.
- 2 Parece que se andam a esquecer desta casa, por não se falar nela no famoso. Se esta casa foi a fundadora da magnífica obra e anda a trabalhar tão bem como as outras, por isso não se devem esquecer dela. Nós cá temos muita falta de calçado e de vestuário, porque os do desemprego já para cá não mandam roupa nem calçado como mandavam dantes.
- 3 Foram três meninos vender o jornal à Figueira da Foz; foi a primeira vez deste ano. Foi o Ratinho e o Fala-Barato de Miranda e o Inácio de Coimbra. Venderam todos muito bem.
- 4 Estamos à porta dos exames. Oito já passaram para 3.ª classe; da 3.ª classe estão nove habilitados e da quarta, infelizmente, sou só eu porque os outros da 4.ª classe foram para Lisboa. Vamos ver se nenhum traz alguma raposa. Deus queira que não.

Crónica desportiva

No dia 20 de Junho tivemos um encontro de Foot-ball, entre as equipas do Gaiato F. C. e a J. O. C. do Carregal, Porto, em que nós saímos vencedores por 12 bolas a uma. Os nossos gois foram marcados por:

Camilo 9, Periquito, 2, Solimana, 1. O avançado centro, adversário, foi quem meteu o goal de honra.

Os Galatos alinharam pela seguinte forma: Alfredo, Sérgio e Poeta, Maximiano, Rio-Tinto e Velha, Periquito, Cête, Caniço e Solimana.

* * *

Também no dia 27, p. p., defrontamos um grupo de Matozinhos, mas desta vez não ganhamos, perdemos 9 bolas a 3, foi uma capitotazinha bem boa. Nós a primeira parte jogamos desfalcados. O nosso melhor jogador, que é o Sérgio não jogou, mas à segunda parte quando ele entrou a coisa foi mais devagar. Eles também eram mais fortes do que nós.

O Cronista «TOBIAS».

P. S. — Está tudo muito certo, mas o cronista não diz tudo. Digo eu.

Cheguei de fóra no dia seguinte, uma segunda-feira, e estranhei por ver em todos semblante de funeral. Quando ia a perguntar quem é que tinha morrido, lembrei-me de que de véspera houvera jogo, e não perguntei nada... Ora enquanto aqui em casa houver uma cara para perder e outra cara para ganhar, eu digo que pode haver na comunidade grandes jogadores da bola, mas não há espírito desportista. Morro com esta penal!

NOTÍCIAS DO LAR DE COIMBRA

—O Armandito queixou-se ao Pai que é o sr. Filipino, que o Leão lhe tinha feito um buraco na perna. Tinha-lhe dado uma dentada.

—Já cá fizeram a passagem da primeira para a segunda classe três gaiatos. Ficaram todos bem e foram classificados com catorze valores.

—Chegou agora mesmo do pinhal onde apanharam uma carga de pinhões toda a miudagem. O Carlos Inácio armado em chefe, vinha a comandar a malta. Ao chegarem a casa, todos se apressaram a contar as suas aventuras, destacando-se o Carlos Inácio, que começou por dizer que uma velha lhe quiz tirar os pinhões, etc., etc... e concluindo, com uma série de narrativas.

—No domingo passado deslocaram-se à Figueira da Foz três Gaiatos, afim de procederem à venda do famoso. Logo às primeiras horas da manhã, quando ainda o sol lá longe, no horizonte, começava a beijar timidamente, a terra florida, já a malta estava a postos, apta a marchar até à praia da claridade.

—Soaram na velha torre da Universidade as seis horas da manhã e eis que o monstro de ferro, caminha fumegante, através de montes e vales até ao ponto desejado. Uma vez ali, viram por terra todos os seus planos de boa venda, pois que poucas pessoas quizeram comprar o famoso, e ainda para mais aborrecimento diziam aos gaiatos:

diz ao P.º Américo que vá cavar batatas!... etc... etc...

Com medo de gastarem dinheiro na comida e na ansia de apresentarem maior produto da venda, pouco ou quasi nada comeram.

Enfim foi uma viagem e uma estância pouco feliz.

Ofertas importantes

—Vieram cá uns senhores do (Bazar do Porto) de Coimbra, trouxeram-nos muitas bolas de borraquia e entre elas uma de câmara. Além disto trouxeram um pacote de rebuçados e cem escudos.

—Ao verem o número que vinha no Famoso os seminaristas de Coimbra, resolveram — juntar-se todos para comprar uma bola de câmara, marca Trindade. Vieram cá dois trazê-la e ainda de sobras da mesma trouxeram uma bola de ping pong. Mas agora vão ver o mais importante... A bola que acabei de falar quer no-la tirar o Sr. Padre Manuel, com medo que nós partamos mais vidros, e por isso quer levá-la para Miranda. Finalmente recebemos a visita de duas simpáticas meninas que ao retirarem-se nos deixaram jogos, pentes, camisolas interiores, velas e bonecos.

Em nome de todos nós um mui obrigado.

CARLOS ALBERTO

Isto é a Casa do Gaiato

COMO os senhores têm demorado na remessa da bicicleta, os nossos carpinteiros deram em fazê-las de pau, e tem sido o bom e o bonito, pelas avenidas abaixo! Sim, abaixo. Para cima, trazem-nas eles às costas. Tem havido desastres, já se vê. O Zé da Lenha, ficou que nem um sanlazar dum trambolhão que deu. Não tugiú nem mugiu. Tivesse ele sido magoado por outrem, e logo as queixas tinham fervido aqui no meu escritório. Assim, não. Nada. Traz a perna ligada e anda caladinho. A's vezes seguem 2 e mais, e até cinco! No desastre do Zé da Lenha, iam cinco a cavalo!! Pois bem. Nunca levam o Príncipe nas descidas, mas querem sempre puxá-lo nas subidas. Aada cá príncipe. E o Príncipe vai logo. Quis ouvir do Zé da cozinha a causa. Ele passou ontem a sua hora de recreio com uma das duas bicicletas. Avenida abaixo, ia ele. Avenida acima, era o Príncipe. Quis ouvir aquilo que eu supunha.

—Porque não levas o Príncipe quando desces?

—Tenho medo de cair!
—Não é por ele. Ele não tem medo nenhum de cair, e se tal acontecesse num instante se levantava, como fez o Zé da Lenha. Não é ele. É o Príncipe. Melhor; é o amor que o rapaz lhe tem.

SAPÓ anda triste. Não pode soltar as galinhas senão de tarde, muito à tarde. Semearam couves num campo ao pé da casa IV, daí a crueldade. Sapó anda triste. Também assim andam os da redacção, por lhes ter morrido um coelho, dos dois que há tempos umas senhoras do Porto ofereceram. Andam tristes. Também a tristeza arrastou as azas por toda a aldeia, ao saber-se da morte de mais um passarinho no nosso aviário; um pintassilgo. O que vale são as pombas. As pombas sobre os telhados dos edifícios. Dizem ali tão bem, que até as costumam fazer de barro, como enfeite. Nós antes queremos a verdade de carne e osso. Enfeitea, não.

CHEGUEI ontem de fora e topei na aldeia um grande barulho, á porta da cozinha. Era um homem que tinha comido, e agora, de tejo na mão, ameaçava com ele o Chegadoinho: Olha que te mato! O Chegadoinho é que lhe dera de comer. O homem de quem se trata, é um doido destes sitios, que há muitos anos se tornou figura popular, e de quem eu tenho proibido a entrada na aldeia, com todas as minhas forças, para evitar desastres. Mas é difícil. Nós somos a porta aberta!

Serenados os animos, viro-me para traz e dou de cara com um farrapão, a pedir entrada. Teria uns nove ou dez anos, nas minhas contas e sua aparência, mas eu nem quis saber. Azêdo como estava, mandei-o embora. Saí-te da minha vista! No dia seguinte, quando ia celebrar, torno a ver o mesmo pequeno muito interessado, ao pé do curral dos porcos, a ver o rapaz que na maré lhes dava de comer. Terminada a missa saio. Ele vem direito a mim. Escutei-o; a maior e melhor acção de graças da minha vida inteira. Daí a nada, eramos dois amigos, a tomar café com leite e pão com manteiga! Dizem que há praí banquetes nacionais e internacionais com discursos e iguarias, tudo feito de encomenda. Nós ali não. Dois corações a arder! Os refeiteiros e os cozinheiros e os das casas, passavam, contentes, tomando por feito a cada um deles, o que eu estava fazendo ao irmão recém-chegado; que isto é a Caridade. Zé Sá, tomou conta, para o vestir e lavar. Zé Sá, foi o rapaz que na véspera o acompanhara até ao fundo da nossa avenida, e ali lhe mostrou o pai-lheiro, dizendo: Não durmas ó relento e amanhã aparece.

É de Arouca, freguesia de Santa Eulália. Por sorte temos cá um rapaz daquela terra, que deu testemunho dele. A sua história é igual à de tantos. Primeiro fugiu o pai. A mãe fá-lo depois, deixando-o em casa da avó; ele e outros. Mas ela não nos pode ter. Andava por lá a servir. Disse o nome das terras onde serviu. Os dez anos que aparenta, são treze feitos. Tem calos nas mãos, de trabalhar, e marcas no corpo, de apanhar! Eu vi uma coisa e outra. E também vi os maus fratos, na súplica que lhe saiu da alma: *Dê-me um trabalhinho que eu possa fazer!*

Pelas contas que fez, trazia seis dias de viagem, de Arouca. Saiu sem destino, com a estrela apagada, como aconteceu aos errantes, e em Sobrado de Paiva é que lhe falaram da Casa do Gaiato. Acendeu-se a estrela na alma do fugitivo! Dormia as noites encostado aos muros das casas. Por medo não entrava, e por medo ficava nas povoações!

Como eu estranhasse a duração da viagem, ele explicou: *E' que eu fui atrás, buscar a lembrança da minha primeira comunhão, que tinha ficado em casa da minha avó.* De entre os farrapos com que se cobria, tira um papel de embrulho com a lembrança. É um santinho. No verso a legenda: *Para que nunca te esqueças da tua catequista Marília, data 7-7-46.* Não foi a Marília que o fez ir atrás. Nem ele falou no nome dela. Foi a sua primeira comunhão. Também é isto mesmo que a Marília quer dizer, quando escreve que se não esqueça dela. *Não te esqueças da tua primeira comunhão.* Eis o desejo da catequista. Os apaixonados de Deus, namoram todos assim. É em Cristo Jesus que o fazem. Na Eternidade é na mesma. *Ali não há homem nem mulher, mas todos são como anjos.* Doutrina. Mas continuemos. Continuemos com a ficha social. No verso do mesmo santinho, vem o nome do rapaz, soletrado: *José Ferreira.* Ele explica que nunca andou na escola, mas que sabe alguma coisa tirada da cabeça: *Eu é que escrevi.* E conta de como pedia aos outros rapazes para o ensinarem. Sim; ficha social. Ficha para conhecimento da sociedade. Se ainda há alguém que até aqui duvidava, fique agora sabido, que pode muito bem ser amanhã guia dos homens, esta criança interessante, que ficava as noites encostado às paredes das casas, com medo dos homens que moram dentro delas!

Senhor dos Céus, que estes inocentes que hoje têm medo, não metam medo amanhã, e assim Vos preguem. O mundo não quer medo; quer amor. Não quer temer; quer amar.

ONTEM, a hora da ceia foi um pouquinho perturbada pelo miar de gatos. Gatinhos. Foi-se a ver onde eles estavam. Era o Moléstia e o Pintarocha que os traziam no seio! Eu já tinha dado fé de dois gatinhos na casa do forno, com o Zé Sá por patrono, e achei bem. Onde houver farinha há necessariamente ratos e para estes, só gatos. Achei bem. Além disso, Zé Sá tem gosto neles e, nas horas vagas, ocupa-se em lhes dar leite. Sabia destes dois, sim, mas não cuidava que houvesse mais gatos na aldeia. Enquanto o Sérgio sacode os gatos, vou eu ruminando. Uma coisa é certa: não temos em casa gatos. Outra coisa é segura: temos gatinhos. Como é de onde aparecem eles? Não importa. Não indago. A coisa em si, é honesta e útil e isso me basta. Quanto ao mais, deixe-se livre a iniciativa particular. Temos aqui, até, uma demonstração dela. Demonstração e lição. Churchill pregava há dias numa cidade da sua terra a iniciativa particular contra a intromissão. Gostei de o ouvir. Fosse eu tomar conta dos gatos e proibir que estes rapazes o fizessem, que era da alegria, do entusiasmo, da vida de cada um?!

ESTEVE ontem na nossa aldeia a pobre a quem o Xancaxé vai levar leite e o mais. Já aqui se falou desta simpática missão do simpático abandonado. A pobre já cá não vinha há um rôr de tempo, por falta de forças e eu fiquei admirado de a ver tão fresca, de enrigelada que era. O que faz o alimento! O comersinho certo!

Não se morre de fome na nossa terra. Ninguém o pode dizer com verdade, sim. Mas, por falta do alimento preciso, muita gente padecerá sem o merecer; — muita gente! São os que comem demais, que fazem esta desgraça.

Mas deixemos estas coisas amargas e vamos ao que é doce. A pobre do Xancaxé, contou-me acerca dele coisas mui interessantes. Uma delas é o *Marão*. O *Marão* é também o *Nero*, às vezes. Xancaxé leva a garrafa do leite e faz-se acompanhar dos cães da aldeia. Eles são dois toiros; Xancaxé é razo como a terra!

Que maravilhoso não deve ser aquele quadro, manhazinha cédo, com passarinhos a cantar nos salgueiros, enquanto por debaixo deles passa o pequenino

ontem indefenso, agora defendido por dois cães possantes e amigos! Que maravilhoso, o dantes aborrecido por peijr tostões, hoje querido por dar de comer!

Eu cá não sabia do que se passava com os cães, o Xancaxé e a garrafa lo leite. Não sabia de nada. Foi a pobre que mo disse. E agora é como se o não soubra. Não quero interferir. A coisa em si é boa e honesta. Deixe-se livre a iniciativa particular!

MAIS iniciativa particular. Ora leiam: Nós iam naquele dia fazer a festa do Coliseu. A saída da aldeia marcou-se para as 19 horas, para dizer segundo o código de agora. Dantes era 7 horas da tarde. A essa hora, ia-se comer alguma coisa, como na verdade se comeu. E depois? Tantos pequenos sem mais nada, até à meia noite! Pois o Sérgio tudo previu e remediou. Ele mesmo, por si mesmo. Nada fez sem primeiramente me dizer, sim, e aqui é que está o valor da iniciativa. Se cada um fizesse o que quizesse, como e quando lhe desse na gana, era a desordem. Iniciativa particular é disciplina de espirito. O chefe veio-me dizer. O quê? Que tencionava cozer cinquenta quilos de pão de trigo para os rapazes comerem por lá. Sim senhor. Muito bem. E assim fez. Foi á tulha, pesou o grão, lançou no moinho, cozeu, partiu, deu a comer e comeu também. O trigo comprou-se a um negociante de Bragança que por aqui passou. Compramos um saco dele, para um mimo, mas havemos de comprar mais. Quero ver se compro obra de mil quilos. Temos o moinho. Temos o forno. Temos o padeiro. E temos muito quem coma.

E já agora que falo aqui no trigo, vá este episódio: Rio Tinto quiz levar o grão ao moleiro, a título de que a pedra do nosso moinho moi áspero. Eu disse que não. Ele ateima que sim. Nisto aparece o Poeta. Ora ele é quem moi, quem pica, quem tempera. É uma autoridade. Mal o vejo, ponho-lhe na frente a vontade do Rio Tinto, e logo disse que não concordava. Pois não, disse ele. *Nem deve.* E ilucidou: *o que o Rio Tinto quer é ir levar o trigo ó moleiro. Ele tem lá a namorada!* Iniciativas desta natureza, alto lá.

ESTIVERAM aqui ontem algumas camionetas de excursionistas do Porto; os Bem Entendidos de Campanhã. Era muita gente. Entraram no hospital da aldeia e deixaram dinheiro aos pequeninos doentes. Muitas e variadas moedas. Os enfermeiros contaram e fizeram a entrega. Entraram também na capela, e lançaram esmolas na caixa delas. Muitas esmolas. Quer dizer. Este grupo de excursionistas veio-nos aqui dizer que o amor de Deus é o amor do Próximo é só um. Mais nada.

ORA isto é justamente o que o mundo precisa. Precisa destes pregadores e também de locais aonde esta doutrina seja pregação. Os locais adequados, são nada mais nada menos que as obras sociais da natureza desta nossa. Exemplo: Esteve aqui há dias uma família de visita. Além de uma soma de dinheiro, os senhores deixaram ficar roupas e calçado. Eram seis pacotes muito bem acabados, cada um com sua etiqueta onde se lia: *pode ser usado sem perigo de contágio.* Abriam-se os pacotes. Três fatos completos, irrepreensíveis de asseio; e três pares de calçado da mesma sorte. É verdade. O mundo precisa de ter santuários vivos, onde os homens possam fazer declaração do amor a Deus e ao seu semelhante.

Erguem-se hoje tantos templos ao Deus-milhão: Casinos, Cinemas, Cafés, Prazeres, Desvarios. E o auge. A Demência universal. Roma acabou assim...!

DESTA vez estiveram 5 rapazes do Lar do Porto a fazer o fim de semana em Paço de Sousa. Carlos era um. Ele foi fazer a barba e Piriquito leva-lhe sete tostões. Reparei e não gostei. Disse ao barbeiro que não estava certo levar dinheiro a um camarada em

visita. Também não está nada certo levar três mil reis por um retrato como ele levou o Sérgio, retorquiu ele. Ora estas coisas ficam muito mal e não são nada a favor dos nossos rapazes. Muito me custa dizê-las!

A semana que passou foi, de rara afluência de desviados à nossa aldeia. Em primeiro lugar apareceu e ficou um de Arouca, cuja história se disse atrás. Dia seguinte, foi um do Porto. Não ficou. Depois, ao cair da tarde e quando iam para o caldo, apareceram dois, também do Porto. Comeram, dormiram aquela noite e foram-se embora. Se ele é tão doloroso educar filhos, quanto mais não é perdê-los! A gente costuma receber cartas de alguém que as não assina, sempre que no jornal se dá notícia de um que nos procurou e houve de se ir embora. É sempre o mesmo senhor, só que nem sempre põe a carta na mesma terra. É a desancar. Eu já cá tenho a ferida no peito, mas o tal senhor cuida que é pouco, e em vez de ajudar a sará-la, agrava mas é: *Fique com eles. Se não tem cama ponha-os a dormir no chão.* Eu leio e rasgo. Quando a carta é extensa, como às vezes acontece, rasgo sem ler. Estas coisas são precisas. Ao lado do obreiro bem intencionado, aparece sempre o crítico. O palavroso criticador. Uma vez é por ignorância, outras é por inveja, outras é por nada. Mas é sempre. Foi sempre. Quanto não devo eu ao nosso Bom Deus, por me ter dado a compreensão silenciosa e equilibrada dos defeitos que nos atacam e são propriedade nossa — quanto!

Por último, já no fim da semana, — mais dois. São irmãos. Vivos, tisonados, andrajosos, apareceram à tardinha, O Sérgio, estava inspecionando as mãos de todos, como é costume fazer-se antes da entrada no refeitório. O primeiro espanto dos dois sujos, começa aqui. Lavar as mãos! Há, no momento, a confusão dos que se vêm aproximando das horas de comer, cada um das suas ocupações, consoante estas o permitem. Eu passo, e oiço o rumor, acerca dos recém-chegados: *a mãe mandou-os embora.* Mas não me demoro nem quero indagar. Tenho medo! .. Isto era num sábado. Os garotos desapareceram, e no dia seguinte, aí estão eles na aldeia. Visitantes, jôgo da bola. Os nossos. Eles. Eu notava-os, descuidados, perdidos na multidão — eles, os perdidos — mas receava chamar e ir a perguntas... Cai o silêncio na aldeia. O porteiro desanda a chave na porta, ao fundo da avenida. Ninguém mais viu os dois.

Chega a segunda-feira. É manhã. Quando uns se encontram na escola e outros nos trabalhos, rompem avenida acima os dois teimosos. Um refeiteiro, traz-me um recado estranho. Vem-me dizer, de mando do mais pequeno, que se eu os deixar ficar na aldeia, ele prega um sermão! Por estar na maré muito ocupado, nada respondi, mas às horas de jantar, entra uma comissão no meu gabinete a pedir-me que resolvesse eu, e que o fizesse pelo melhor. *Já lá vão três dias,* ouvi de um deles. *A mãe botou-os fóra,* diz um outro. *Olhe que ele sabe dois sermões e diz que os prega.* Um é dos ricos a dizer pra dar ós pobres, foi a instância do terceiro membro da comissão. Alto lá, disse eu com os meus botões. Estou com a minha gente. Este é o meu sermão!

Mandei que os dois viessem à minha presença. Sobem os degraus da casa-mãe. O mais novo toma a palavra. Ele é o pregador.

Chamam-nos vadios, e esta é a raiva que me mete. Nós queremos trabalhar. Eu fui imediatamente por um bocado de papel, e escrevi eu mesmo, com o meu punho, esta acusação feita aos homens, por um inocente desviado. Apanhei-a na fonte. Ouvi. Ouvi. Ouvi.

— Bem. Vou ver se dois se querem ir embora, para vos dar camas.

— Não senhor. Daqui não sai ninguém. Cabemos cá todos. Nós não precisamos de cama. Nós nunca tivemos cama e dormimos sempre quentinhos. É o pregador!

Chamei o Zé Sá. Dei instruções. Daí a nada sobe aonde eu estava um cheiro esquisito. Que será? Dou voltas. Espreito. Em baixo, fumegava a roupa que eles traziam vestida...

O caldo fumegava também nos pratos. Estavam cento e cinquenta e seis à mesa. Levantaram-se da mesa cento e cinquenta e oito. O Pregador, foi entregue ao

Continua na página seguinte

ISTO É A CASA DO GAIATO

Continuação da página anterior

Sejaquim. O irmão, ao chefe dos da erva.

Dizem ser do lugar de Fedregal, freguesia de Cedielos, concelho da Régua. O Pai doente dos pulmões, a Mãe aflita com nove filhos. Será como eles dizem? Andamos a indagar.

NÓS temos o edifício das escolas nas telhas. Ontem, fim de semana, estavam, como é costume, alguns dos do Porto na aldeia. Um aproxima-se de mim, aponta e diz:

Agora um pau de bandeira. Vamos ter na escola a nossa bandeira.

Fixei o moço sem nada dizer. Já mais tinha pensado em tal. *Aquela sacada alta, continua, está mesmo a pedir a bandeira de Portugal.*

Passavam outros rapazes ao pé de nós. O apaixonado não ligava. Insistia silenciosamente. Queria que eu dissesse algo.

—Olha, rapaz; tu bem vês. Nós somos uma obra particular. Nas casas do Governo, é que há o costume e a obrigação da bandeira portuguesa. Ele não concorda. Proclama a sua beleza: *Gosto tanto! Tem cores tão lindas! Nisto, abre as bandas do casaco e coloca a mão direita no coração. De novo fixei o rapaz, silenciosamente. Eu vi com os meus olhos que a terra há-de comer; vi aquele levar de mão ao coração!*

Tantos amores perdidos, por mal aproveitados!

Noutro dia, passei numa rua do Porto.

Era manhã. Caixotes de lixo orlam os passeios. Ao pé dum, sentam-se dois garotos a comer cascas de fruta. Aproximei-me e conversamos. Não há o copo d'água, nem o vaso de flores, nem a casa; também falta a ilustre assembleia. Nada. Duas falas à beira do lixo. Palavras de estremecer o mundo!

Ora muito bem. O amigo da Patria, que leva hoje a mão direita ao seu coração, ao falar da bandeira portuguesa, ontem, procurava de comer nos despojos dos caixotes. Os dois que o estavam fazendo, também haviam de levar a mão ao peito, ao falar da bandeira portuguesa, se se sentissem amados. *Também. Quantos amores perdidos, por mal aproveitados.*

JÁ tem acontecido mais vezes. Tem sim senhor. Tomei um taxi no Porto e disse para onde. O motorista manda entrar, sem fazer reparo. Parece, contudo, ter surgido qualquer dúvida no seu espírito porquanto, no fim da viagem e ao pagar, ele perguntou se eu é que sou o tal. Sim; eu sou. *Guarde o dinheiro, disse. Fechou as portas do veículo e desandou. Eu fiz da mesma sorte e aqui temos o facto tal qual se deu. que bem pudera ser posto em nota do dia da Emissora Nacional.*

Mas vamos nós aqui fazê-lo. *O Galato é a nota de toda a hora. Primeiramente o valor da criança. A força da sua fraquesa. Segundo, o heroísmo daquele motorista de praça. Que alguém tire do que lhe sobra para dar aos que necessitam, é coisa de pouca monta. Mas que um tire à sua boca do que é neces-*

sário ao seu alimento, isso é heroísmo.

Nesse mesmo dia, entro numa loja a comprar duas coisas para nosso uso. Loja apagada numa rua apagada. A primeira coisa que pedi, não custou nada. Também queria o dono dar a segunda, mas eu não aceitei. Nem tanto ao mar nem tanto à terra.

O dono é um homem de meia idade—apagado. *Faz mal não aceitar. Não tenha pena de mim. Deus faz bem a quem faz bem. Acendeu-se-lhe o rosto, ao dizer aquela verdade. Havia firmeza na sua palavra. O homem pede papel a caixeiro e embrulha. Na loja há pouca luz, mas não importa. A verdade alumia: Deus faz bem a quem faz bem.*

Estão os dois pacotes prontos sobre o balcão. *Eramos dezasseis irmãos, diz ele. Vi-os morrer a todos. Sei que não somos nada. Só vale o bem que fazemos. Ora eu, que não tenho nada que possa oferecer ao heroico motorista, peço-lhe licença para lhe dar aqui do muito que este senhor me deu. Não o pacote. Pacotes, são pacotes. A consolação da verdade: Deus faz bem a quem faz bem. Esta vai direitinha ao desconhecido do automóvel.*

NOITE de S. João. Também cá na aldeia houve a noite de S. João com suas tradicionais brincadeiras. Ou a nossa obra de rapazes para rapazes pelos rapazes, não fosse vida em vez de tabuleta! E assim, os maiores andaram pela aldeia até altas horas da madrugada. No dia seguinte, ao sair dos meus aposentos para a capela, um pega-

me no braço e aponta a cruz da capela. *Olhe. Vasos de sardinheiras nos braços da cruz. Era o jardim do Rio Tinto! Sejaquim também foi roubado e outro e outro e outros. Não se falou noutra coisa aqui em casa!*

VIERAM alguns dos do lar do Porto: Amadeu, Júlio, Marques, Piólho, Avozinha, Gari e António. Como fossem tantos, houve de se armar meza especial no refeitório, que as que estão já não chegam. O jantar corria animado. Pareceu ao chefe de Paço de Sousa que se fazia barulho de mais na mesa dos hóspedes, e dirige-se ali, cana na mão. *Vem cá que comes exclama o mais velho deles; e o chefe de Paço de Sousa não foi! Ora isto é falta de respeito à hierarquia. Os da Casa do Porto, estavam subordinados ao chefe de Paço de Sousa. O mais velho deles, é que havia de ter comido, por reffilar. Assim nos parece a nós, pela nossa idade. Por ela, ainda; pela idade que temos, somos mui fáceis em fazer regulamentos e aplicar sanções. Mas eles tem outras idades. E se eles são, por natureza, um bocadinho desordenados, como pode haver ordem nestas assembleias, — como? *Anda pra cá que comes!**

Aos educadores rígidos e discordantes, gostaria de perguntar o que é que nós havemos de pensar das notícias que os jornais costumam trazer sobre os senhores dos parlamentos e das assembleias nacionais, quando os continhos são chamados a deitar água fria! Oh ferveuras!

NOTÍCIAS DA CASA DO GAIATO DE LISBOA

por Pedro João

1 Quem foi representar esta casa ao Coliseu do Porto fui eu. Parti daqui do Tojal na segunda-feira de manhã para lá estar sem falta à tarde. Eram duas e meia já o comboio chegava à estação de S. Bento e às três horas já estava no Lar do Porto. Jantei lá com os meus irmãos do Porto e em seguida fui com eles para o Coliseu para ali fazermos a nossa festa. Fui lá dizer que ia ali dar testemunho da nova casa do Tojal e também já tinha corrido Lisboa em pêso e que já éramos mais de trinta rapazes. Também não me esqueci de dizer que os senhores de Lisboa eram muito nossos amigos e que nos davam muitas coisas. Depois da sessão tive um convite para ir almoçar no dia seguinte a casa do senhor Juliano Ribeiro, um dos melhores jornalistas do Porto. No fim do almoço fui ainda com ele dar um passeio até Leixões, e quando ia para regressar, este grande amigo da Obra deu-me uma caneta e veio comigo até ao comboio e deu-me o bilhete para o rápido até Coimbra. Às 8 horas já estava em Coimbra no Lar do ex-Pupilo. Fiquei lá naquela noite

e no dia seguinte fui matar saudades à Casa do Gaiato de Miranda onde eu estive quatro anos. Foi lá que eu tirei os vícios da rua e também aprendi a resar e a lê e a escrever o pouco que sei. Fiquei muito contente ao ver os meus antigos companheiros todos e eles também não ficaram tristes. Depois cumprimentei os senhores, os operários conhecidos, e mais o resto da família. Quando me despedi os gaiatos diziam—O' Pedro tu és um graixista no jornal! — pedes redes dão-tas; pedes bolas dão-tas só a nós não nos dão nada. Diz lá ao senhor que te dá as redes que nós também que somos gente. Nesse mesmo dia segui para o Tojal, onde cheguei já de noite. Agora vamos ver se algum cinema de Lisboa nos oferece a casa como o Coliseu do Porto para repetir cá a mesma!

2 Agora vou contar um acontecimento que se deu cá na casa entre três galinhas que estavam a chocar. Estas três galinhas chocavam uma pintos, outra patos, e a outra fracas. A galinha dos pintos foi má porque logo que se apanhou com três

pintos foi-se embora, e por isso tiveram que pôr o resto dos ovos na galinha das fracas. A maneira que eles iam nascendo tiravam-nos para os dar à galinha dos três pintos, a outra danava-se toda e ia buscá-los. Por fim chocou o resto das fracas. A que tinha os patos chegou a certa altura morreu, e quem chocou os ovos foi a das fracas. Foi ela quem tirou os patos, as fracas, e os pintos. Agora anda com dez fracas, e sete patos. Como os patos sabem nadar e as fracas não, a pobre galinha vê-se aflita porque os patos atravessam ribeiros e ficam dum lado e as fracas do outro e a galinha não sabe a quem há-de acudir. Esta galinha foi amiga dos filhos das outras e por isso deu um exemplo a muitas mães.

3 Mais uma vez por meio do famoso vamos agradecer as coisas que nos têm dado em Lisboa!... O Overland, da Avenida da Liberdade tem feito muito bom serviço, só duma vez foi à Covina buscar 300 quilos de vidro que lá nos deram. Já de uma outra vez tinha ido buscar

quarenta fatos. Veio cá também não sei quem e viu que na escola não havia crucifixo e deu-nos um de bronze igual ao das escolas. Estava na igreja de Fátima. Também lá fomos buscar umas duzentas chávenas de porcelana. Foi uma boa oferta porque a louça que nos deram de Sacavem já se foi quasi toda. Depois fomos buscar duzentos quilos de massa que a Portugal e Colónias nos deu também.

Um dia destes fui a um banqueiro trocar cinquenta e um dólares que nos mandaram da América. Deu-me mil duzentos e noventa e cinco escudos e quatrocentos. Aquilo é que é dinheiro à farta. O Manteigas já foi a Lisboa buscar dois pacotes de carne que lá nos deram, e eu fui a um Instituto de Peixe, buscar mil quinhentos escudos. Às vezes também há visitantes que deixam ao senhor Padre Adriano, mas não sei se é muito ou não, mas tudo é pouco para as grandes obras que andamos a fazer. Ah! Já me ia a esquecer há também senhores que nos mandam o jornal da Bola, o Stadium, o Mosquito que é isso que mais agradecemos.

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

1 Há tempos tivemos uma máquina de cinema que o Sr. J. C. Alvarez L.da nos deu e agora temos tido cinema nas oficinas, e temos gostado muito de ver, principalmente desenhos animados. Alguns estão a dormir quando a fita está a correr mas quando são desenhos animados tudo acorda logo.

Quem nos fornece as fitas são: o Instituto Britânico, o Instituto Francês; e o senhor J. C. Alvarez disse ao Pai Américo que começava a mandar fitas, todas as semanas.

2 O Senhor Francisco Caria da Fonseca de Vale de Prazeres deu-nos um sachador, um semeador e uma grade.

O nosso milho está todo às carreiras porque nós já temos um semeador. Agora os rapazes do campo semeiam tudo ao semeador.

Um põe-se à frente a puxar e o outro a traz e assim muito obrigados, senhor Francisco Caria da Fonseca e muito obrigados também ao Senhor Manuel Tomás, comerciante do Porto, que nos trouxe estas máquinas agrícolas na sua camionete de Vale de Prazeres para o Porto.

3 No dia 21 de Junho como estava anunciado no famoso, fomos ao Coliseu do Porto cantar e dançar e mais alguma coisa. A Plateia estava cheia e estava quasi a esbordar por fora

e o resto estava quasi vazio, por causa dos senhores que foram do Rivoli; se calhar não sabiam os senhores que a nossa festa era melhor do que a do Rivoli.

A nossa festa começou com o nosso orfeão que é o melhor do mundo e o Sejaquim à frente a tocar piano e depois cantaram, cantaram até se fartarem. Depois foi um rapaz de cada obrigação dizer o que faziam e de que terra eram: uns diziam de Lisboa, Coimbra, mas quando diziam que eram do Porto o Coliseu parece que ia abaixo. Isto foi a primeira parte.

A segunda parte foi os de Miranda do Corvo. O pianista a fazer um discurso; depois foi tocar piano; o ratinho a tocar castanho-

las e o Monarca a cantar e teve de cantar a segunda vez por os senhores quererem.

A seguir foi o Rádio da Casa do Tojal fazer um grande discurso e depois foi o Pastelão a dizer que era do Boavista; um senhor ouviu e como esse senhor é do Boavista o senhor deu um conto mas não é para o Pastelão, é para nós.

A terceira parte foram os do Lar do Porto onde o Zé Eduardo e o Piólho fizeram um grande discurso. Cá fora esperaram os batatas com uma colcha na mão e rendeu oito contos e meio e na bilheteira 21 contos a passar. Não sabemos como agradecer ao Senhor Rocha Brito e os empregados que não quiseram nada. Muito obrigados.